

# O RETORNO *POST MORTEM* DA FAMÍLIA IMPERIAL PARA O BRASIL

Jaime Florencio de Assis Filho\*

**N**as edições anteriores, esta Revista publicou, como parte das comemorações dos 200 anos de nossa Independência, artigos sobre a vinda da família real portuguesa para o Brasil e suas consequências benéficas, no período de 1807 a 1822, para diversos setores da então colônia.

Neste artigo, traremos fatos históricos dos traslados dos restos mortais de ilustres componentes da família imperial brasileira que retornaram ao cenário europeu, ainda no século 19, ora por vontade própria, ora exilados, após a Proclamação da República. À exceção da Imperatriz Leopoldina, que faleceu e foi sepultada no Brasil, veremos em que situação deixaram o País os seguintes personagens, bem como os motivos que determinaram o posterior retorno *post mortem*: D. Pedro I e sua segunda esposa; D. Pedro II e a Imperatriz Tereza Cristina; e a Princesa Isabel e seu marido, o Conde d'Eu.

## D. PEDRO I E AMÉLIA DE LEUCHTENBERG

Visando garantir a manutenção da dinastia dos Bragança, o então Príncipe-Regente casou-se com a Arquiduquesa do Império Austro-Húngaro Carolina Josefa Leopoldina. O enlace foi realizado em Viena, por procuração, em 13 de maio de 1817. Leopoldina chegou logo ao Brasil, em 5 de novembro, sendo recebida com pompas e circunstâncias, casando-se na capela real no dia seguinte, tendo tido grande participação nos momentos

que antecederam e na própria Independência do Brasil.

Depois do “Grito do Ipiranga”, D. Pedro foi aclamado Imperador do Brasil, adotando o título de D. Pedro I e Defensor Perpétuo do Brasil. Os laços com Portugal haviam sido cortados, mas nem tudo foram flores para o nosso monarca. Os meses subsequentes ao “Grito de Independência” não foram fáceis para o Imperador que, a todo custo, esmerava-se em manter a integridade nacional, pelo fato de as Províncias do Norte e Nordeste não aceitarem as ordens emanadas do Rio de Janeiro, mantendo-se, ainda, fiéis àquelas vindas de Lisboa. Essa integridade só viria a ser obtida após a criação da Marinha Imperial brasileira e das chamadas Guerras de Independência.

Desde então e até 1831, foram vários os contratemplos enfrentados pelo Imperador, como a dissolução da Assembleia Constituinte e a outorga da Constituição de 1824. D. Pedro I contribuiu muito para o bem-estar do seu povo, mas também cometeu várias ações despropositadas que vieram concorrer, ao longo do tempo, para a sua impopularidade e profundo desgosto para a Imperatriz Leopoldina, que veio a falecer por motivo de um aborto espontâneo. A derrota das tropas imperiais brasileiras na Província Cisplatina e a consequente perda de seu território também foi motivo de insatisfação e instabilidade na sua gestão.

A Imperatriz Leopoldina faleceu no Palácio de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, em 11 de dezembro de 1826. A cerimônia fúnebre



foi presidida por Francisco Mont'Alverne, pregador oficial do Império do Brasil. Ela foi sepultada no Convento da Ajuda, no Rio de Janeiro. Com a demolição do Convento, em 1911, para a construção da atual Cinelândia, seus restos mortais foram trasladados para o Convento de Santo Antônio, também nessa cidade, onde, mais tarde, foi construído um mausoléu para ela e alguns membros da família imperial. Em 1954, por ocasião do quarto centenário da cidade de São Paulo, foi transferida para essa cidade, onde repousou no Palácio dos Campos Elísios, sede do governo do Estado, e na Catedral da Sé, antes de seguir, em definitivo, para a Capela Imperial, localizada sob o Monumento do Ipiranga.

Após a morte de Leopoldina, o Imperador Pedro I casou-se, em maio de 1829, por procuração, com a Princesa Amélia de Leuchtenberg, depois de infrutíferas tentativas do Marquês de Barbacena para encontrar-lhe uma noiva, dificuldades essas causadas pelas atitudes do Imperador para com a falecida Leopoldina – infidelidade e maus-tratos –, fortemente alardeados por toda a Europa.

Posteriormente, a sua baixa popularidade em Minas Gerais, demonstrada pela forma hostil quando de sua visita a essa província, entre outros fatores, contribuiu para a sua abdicação à Coroa do Brasil, em 7 de abril de 1831, em favor do seu único filho varão, Pedro de Alcântara, ainda menor de idade, e o seu retorno para a Europa.

Findo o seu período no Brasil, iniciou-se uma nova etapa de sua vida, a da reconquista do trono de Portugal, do qual abdicou, após a mor-



**Jornal de 1972 noticia os festejos do Sesquicentenário e a chegada dos restos mortais de Dom Pedro I**

Fonte: BN Digital

te de D. João VI, em 1826 (aclamado como D. Pedro IV), em nome de sua primogênita Maria da Glória (com nove anos à época), usurpado que fora pelo irmão, o Rei absolutista Miguel I. Disso resultou a guerra travada entre os irmãos, também chamada de Guerras Liberais, que, apesar de fascinantes, fogem ao escopo deste artigo.

Em 1834, portanto, depois do término das guerras entre irmãos, com o trono da filha reconquistado, seu quadro de saúde não era dos melhores, pois havia contraído tuberculose e veio a falecer no mesmo quarto em que nasceu, no Palácio de Queluz. Seu corpo foi sepultado no Panteão dos Bragança, no interior do Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa, e seu coração foi levado para a capela-mor da Igreja da Lapa, na cidade do Porto, onde permanece até hoje.

Em 1972, como parte das comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil, seus restos mortais foram trasladados do Panteão da Dinastia de Bragança (Lisboa) para a Cripta Imperial do Monumento do Ipiranga (São Paulo).

O esquife foi trazido a bordo do navio de passageiros Fun-

**Os despojos de D. Pedro I sendo transportados para a cripta no Monumento da Independência, em São Paulo (1972)**

Fonte: <https://fotos.estadao.com.br/galerias/acervo,a-vinda-dos-restos-mortais-de-dpedro-i-para-o-brasil,43444>



**Projeto de ornamentação para o transporte dos despojos de D. Pedro I**

Fonte: Arquivo Nacional

chal, onde estava embarcado o Presidente de Portugal Almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz. A urna com os restos de D. Pedro I desembarcou no ancoradouro do Morro da Viúva e foi conduzida por um carro de combate do Exército Brasileiro (EB) até o Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, no Aterro do Flamengo. Estavam presentes o Presidente do Brasil Emílio Garrastazu Médici e outras autoridades. O cortejo seguiu até o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, local da primeira de muitas vigílias realizadas em várias cidades do Brasil.

O périplo terminou em São Paulo, onde o ataúde de D. Pedro I foi sepultado na Cripta Imperial (Monumento do Ipiranga), onde já se encontrava, desde 1954, os despojos da Imperatriz Leopoldina. Amélia de Leuchtenberg, Imperatriz consorte do Brasil, no período de 1829 a 1834, sepultada que fora no Panteão dos Bragança em 1873, teve o seu corpo trasladado para esse monumento em 1982.

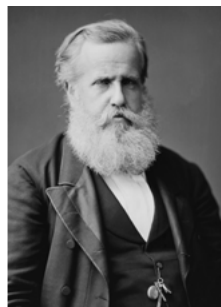
A Imperatriz Amélia estava junto a D. Pedro I, quando de sua morte, em 24 de setembro de 1834, no Palácio de Queluz. Desde então, passou a dedicar-se a obras de caridade e a cuidar da sua filha com Pedro, Maria Amélia, então próxima a completar três anos. Levou uma vida pacata e recatada e não mais se casou. Com a morte prematura da princesa, em 1853, em Funchal na Ilha da Madeira, vítima de tuberculose, onde fazia o seu tratamento, gastou parte de sua fortuna com a construção do hospital "Princesa Dona Maria Amélia", específico para a cura dessa doença. Ela veio a falecer em Lisboa, em 26 de janeiro de 1873.

## D. PEDRO II E TERESA CRISTINA

Com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, toda a família imperial foi convidada a partir para o exílio. Na madrugada do dia 17, ela foi embarcada às pressas no navio "Parnaíba", de onde foram reembarcados, mais tarde, no Paquete "Alagoas", que rumou para Portugal, escoltado até a Linha do Equador pelo Encouraçado "Riachuelo"<sup>(1)</sup>, para garantir que D. Pedro II não desembarcasse em Salvador na tentativa de um retorno à monarquia.

Durante a travessia, D. Pedro II tomou conhecimento de um decreto do Governo Provisório que previa o recebimento de uma quantia para custear a vida da família no exílio, todavia, recusou-se a receber e viver à custa do erário. Ante a sua recusa, o governo republicano, em um gesto absolutamente desumano, decidiu banir a família imperial. Naturalmente, foi um baque para o Imperador e os seus entes queridos. Tanto que, ainda residindo em um hotel na cidade do Porto, em Portugal, Dona Teresa Cristina, que já estava doente no Brasil,

não resistiu a tamanha humilhação vindo a falecer, em 28 de dezembro de 1889, sendo sepultada no Panteão dos Bragança. Na ocasião, a Princesa Isabel encontrava-se na Espanha com a família. Após o sepultamento de Teresa Cristina, todos foram residir em Cannes, na França.



Tempos depois, D. Pedro II decidiu morar em Paris, onde tinha vários admiradores e amigos, como o escritor Victor Hugo e o cientista Louis Pasteur, entre tantos. Mas sua saúde estava muito frágil, vindo a falecer em 5 de dezembro de 1891. O governo brasileiro se recusou a prestar homenagens ao Imperador e não mandou

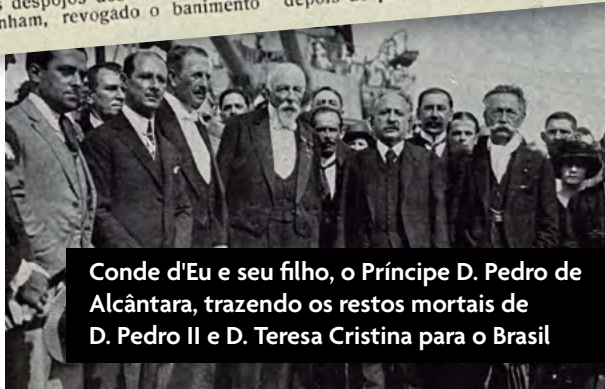
representantes às exéquias, da qual se encarregou o governo francês, considerando-o Chefe de Estado. As cerimônias foram realizadas na Igreja de Madeleine, em Paris. Posteriormente, sua urna foi trasladada para o Panteão dos Bragança, junto à de sua esposa, onde repousaram até 1921.

Nessa época o governo brasileiro decidiu trazê-los de volta ao Brasil, para as comemorações do Centenário da Independência, uma vez que a Lei do Banimento fora revogada em 1920,



# A chegada á Patria dos restos mortaes dos ultimos imperadores

A cidade revestiu-se de um ar consternado de prece nesse sabbado em que deviam desembarcar em terras do Brasil os despojos dos ultimos imperadores. Com elles vinham, revogado o banimento da familia Imperial, dois representantes da dynastia, o Conde d'Eu e o Principe D. Pedro, que pela primeira vez deviam pisar o solo desta grande Patria depois de proclamada a Republica.



Conde d'Eu e seu filho, o Príncipe D. Pedro de Alcântara, trazendo os restos mortais de D. Pedro II e D. Teresa Cristina para o Brasil



O Encouraçado "São Paulo" aproximando-se do cais para o desembarque das urnas funerais e a multidão que as aguardava



As Forças Armadas prestaram honras de Chefe de Estado durante a chegada dos restos mortais dos ex-imperadores

Fotografias da Revista *Careta* - Ano 1921 / Ed. 0656  
Fonte: BN Digital

durante o governo de Epitácio Pessoa. Portanto, no ano seguinte, após a visita dos reis belgas ao Brasil, conduzidos na vinda e no retorno à Bélgica a bordo do Encouraçado "São Paulo", o comandante do navio recebeu a tarefa de atracar em Lisboa e trasladar as urnas contendo os despojos dos soberanos brasileiros.

Uma vez no Rio de Janeiro, os corpos foram levados para a antiga Capela Imperial (Sé) onde

ficaram até 1925, ano do centenário de nascimento de Pedro II, quando então seguiram para o descanso eterno no Mausoléu Imperial, sito à Catedral de São Pedro de Alcântara, em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

## PRINCESA ISABEL E CONDE D'EU

Durante o banimento, após terem passado um período em Portugal, o casal residiu na França até o fim de seus dias. A Princesa Isabel faleceu em 14 de novembro de 1921, no Castelo d'Eu, localizado na Alta Normandia, e no ano seguinte, seu marido, o Conde d'Eu, então a bordo do navio transatlântico "Massilia", quando se dirigia ao Brasil para participar das comemorações do Centenário da Independência. Ambos foram sepultados na tumba da Casa d'Orleans, em Dreux, na França.

Em 1953, a Marinha do Brasil se fez representar nos festejos da coroação da Rainha da Inglaterra destacando para a Europa o Cruzador Ligeiro "Barroso". Na sequência, o navio foi designado para atracar no porto de Le Havre visando ao traslado dos restos mortais da Princesa Isabel e de seu marido para o Brasil. Os esquifes repousaram na antiga Capela Imperial,



Conde d'Eu no seu leito de morte a bordo do "Massilia", quando se dirigia ao Brasil para celebrar o Centenário da Independência do País

Fotografia da Revista "Careta" - Ano 1922/ Ed. 0742  
Fonte: BN Digital





**Jornal Correio da Manhã de 7 de julho de 1953**

Fonte: BN Digital

na cidade do Rio de Janeiro até 9 de maio de 1971. Por três dias, ficaram na Igreja de N. S. do Rosários dos Homens Pretos, seguindo no dia 12 para a cidade de Petrópolis.

A chegada a essa cidade foi triunfal. Os corpos foram transportados por Fuzileiros Navais do Brasil até a antiga residência do casal onde passaram a noite sendo velados pelos Dragões da Independência do Exército Brasileiro. No dia seguinte (13 de maio), um cortejo conduziu os despojos até a Catedral de São Pedro de Alcântara, onde estavam presentes o Presidente Médici e sua comitiva. A Princesa Isabel e o Conde d'Eu foram definitivamente sepultados.

Finalizando este artigo, cabe mencionar que outros componentes da família imperial faleceram e foram sepultados no Brasil e se encontram, até os nossos dias, no mausoléu do Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, a saber: os Príncipes da Beira D. Miguel (1820-1820) e D. João Carlos (1821-1822); a Princesa D. Paula Mariana (1823-1833), filhos e filha



Última foto da família imperial no Brasil

de D. Pedro I com a Imperatriz D. Leopoldina; os Príncipes imperiais D. Afonso Pedro (1845-1847) e D. Pedro Afonso (1848-1850), filhos de D. Pedro II e D. Teresa Cristina; e D. Luísa Vitória (1874-1874), filha natimorta da Princesa D. Isabel e do Conde d'Eu. Embora falecida na Ilha da Madeira, a princesa D. Maria Amélia (1831-1853), filha de Pedro I e da Imperatriz D. Amélia, encontra-se, também, sepultada nesse Convento. ■



**Os restos mortais de Pedro II e sua esposa Teresa Cristina, bem como sua filha, a Princesa Isabel, e seu genro, Conde d'Eu, encontram-se sepultados no Mausoléu Imperial, em Petrópolis (RJ)**

#### NOTA

(1) Comandado à época pelo Capitão-Tenente Alexandrino Faria de Alencar.

#### REFERÊNCIAS

- <https://monarquia.org.br/a-familia-imperial/arvore-genealogica/dom-pedro-i/>
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9lia\\_de\\_Leuchtenberg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9lia_de_Leuchtenberg)
- <https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/SaoPauloEncouracado1910-1951.pdf>
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Convento\\_de\\_Santo\\_Ant%C3%B4nio\\_\(Rio\\_de\\_Janeiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Convento_de_Santo_Ant%C3%B4nio_(Rio_de_Janeiro))
- <https://www.youtube.com/watch?v=lzgzURCVFxl>
- <https://www.youtube.com/watch?v=xxTKK6mJ9EE>
- [https://www.youtube.com/watch?v=50Cml8\\_qdlg](https://www.youtube.com/watch?v=50Cml8_qdlg)

\* Capitão de Mar e Guerra (Ref<sup>o</sup>-FN)